

PRINCÍPIOS E MOVIMENTOS PARA PROCESSOS PROJETUAIS REGENERATIVOS

PRINCIPLES AND MOVEMENTS FOR REGENERATIVE DESIGN PROCESSES

PRINCIPIOS Y MOVIMIENTOS PARA PROCESOS PROYECTUALES REGENERATIVOS

NATALÍ ABREU GARCIA, M.Sc. | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (PUC-Rio)

KARINE DE MELLO FREIRE, Dra. | Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil (Unisinos)

CARLO FRANZATO, Dr. | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (PUC-Rio)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a proposição de insumos metodológicos para a elaboração de processos projetuais orientados para uma sustentabilidade regenerativa cujo propósito é a busca de realidades mais saudáveis, justas, singulares e solidárias. Para tanto, é necessário vislumbrar modos alternativos de se projetar, que rompam com a visão mecanicista dominante e adotem uma visão ecológica. Nessa direção, buscamos na Ecosofia de Guattari a base para tensionar a ação projetual em direção à sustentabilidade regenerativa. A partir da articulação teórico-metodológica entre os conceitos da regeneração e dos registros ecológicos de Guattari, apresentaremos seis princípios para a elaboração de processos projetuais regenerativos, quais sejam, cuidar para permitir a emergência da saúde integral; promover a autonomia em relações recíprocas e fluxos circulares; buscar a coevolução resignificando e desenvolvendo relações de valor com o ecossistema; autotransformar-se a partir de uma visão ecossistêmica; desenvolver comunalidade a partir da eco dialogicidade; e desenvolver o conhecimento ecológico de interexistência. Também apresentaremos três movimentos que dinamizam tais processos: mapeamento, prospecção e catalisação.

PALAVRAS-CHAVE

Regeneração; design regenerativo; sustentabilidade; ecologia; método.



ABSTRACT

This article aims to propose methodological inputs for the elaboration of design processes oriented towards a regenerative sustainability, whose purpose is the search for healthier, fairer, singular and solidary realities. Therefore, it is necessary to seek alternative ways of designing, which break with the dominant mechanistic vision and adopt an ecological vision. In this direction, we seek in Guattari's Ecosophy the basis for tensioning design action towards regenerative sustainability. Based on the theoretical-methodological articulation between the concepts of regeneration and Guattari's ecological registers, we will present six principles for the elaboration of regenerative design processes, namely, care to allow the emergence of comprehensive health; promoting autonomy in reciprocal relationships and circular flows; seek co-evolution by reframing and developing value relationships with the ecosystem; self-transform from an ecosystemic vision; develop commonality through eco dialogicity; and develop ecological knowledge of interexistence; We will also present three movements that move such processes, namely, mapping; prospection; and catalysis.

KEYWORDS

Regeneration; regenerative design; sustainability; ecology; method.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo proponer insumos metodológicos para la elaboración de procesos de diseño orientados hacia una sustentabilidad regenerativa cuya finalidad sea la búsqueda de realidades más sanas, justas, singulares y solidarias. Por lo tanto, es necesario vislumbrar formas alternativas de diseño, que rompan con la visión mecanicista dominante y adopten una visión ecológica. En esta dirección, buscamos en la Ecosofía de Guattari la base para tensar la acción del diseño hacia la sustentabilidad regenerativa. A partir de la articulación teórico-metodológica entre los conceptos de regeneración y los registros ecológicos de Guattari, presentaremos seis principios para la elaboración de procesos de diseño regenerativo, a saber, el cuidado para permitir el surgimiento de la salud integral; promover la autonomía en las relaciones recíprocas y los flujos circulares; buscar la coevolución reformulando y desarrollando relaciones de valor con el ecosistema; autotransformarse desde una visión ecosistémica; desarrollar la comunidad a través de la ecodialogicidad; y desarrollar el conocimiento ecológico de la interexistencia. También presentaremos tres movimientos que agilizan dichos procesos: mapeo, prospección y catálisis.

PALABRAS-CLAVE

Regeneración; diseño regenerativo; sostenibilidad; ecología; método.

1. INTRODUÇÃO

Embora a visão de mundo mecanicista tenha sido importante para muitos avanços científicos, esta perspectiva informa modos de apreender e abordar a realidade que são insuficientes para os problemas sistêmicos e complexos que enfrentamos.

Como alternativa a essa perspectiva hegemônica, temos a visão de mundo ecológica, segundo a qual se entende o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Ainda, enquanto a perspectiva mecanicista é marcadamente antropocêntrica, a perspectiva ecológica orienta-se à pluridiversidade de relações que constituem o ecossistema terrestre.

Em seu ensaio "As Três ecologias", o filósofo Félix Guattari aponta para o paradoxo entre o contínuo desenvolvimento técnico-científico – potencialmente capaz de resolver os problemas que enfrentamos – versus a incapacidade das forças sociais e das formações subjetivas de se apropriarem desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 2009, p. 12).

A Ecosofia de Guattari é uma proposição de articulação ético-política dos três registros ecológicos – das subjetividades, das relações sociais e do meio ambiente (GUATTARI, 2009). Diz respeito não apenas às preocupações ambientais, mas também se propõe a pensar as relações sociais e a produção de subjetividades. Trata-se de entender o meio em que se vive e problematizar a relação que se mantém com ele.

No campo do design, desde a década de 1970, a sustentabilidade tornou-se uma pauta importante, impulsionando a criação de abordagens projetuais. Dentre as abordagens projetuais que visam à sustentabilidade, o Design Estratégico foi precursor em entender a necessidade de um profundo redesign de nossos sistemas de valores, para além de mudanças apenas incrementais em nível de produtos. Em 1992, Manzini e Cullars (1992) publicam um artigo no qual evidenciam a inadequação da ética e da cultura do design para lidar com os impactos da indústria e da tecnologia, frente às emergências ambientais. Então, convocam a responsabilidade e a solidariedade dos designers em vislumbrar cenários de outros possíveis mundos, a partir de um renovado sistema de valores, fundado nas qualidades e não apenas nas quantidades, cujo critério de beleza incluía o respeito pelo meio ambiente (MANZINI; CULLARS, 1992). Esse discurso, em nossa análise, evoca parcialmente a Ecosofia de Guattari.

O discurso desses autores se distancia de uma sustentabilidade tecnológica e antropocêntrica, a qual se baseia

em metas pré-determinadas e é orientada à manutenção da vida humana (e de certa forma, do próprio *status quo*). Entre outros, esses autores abrem para uma sustentabilidade que, posteriormente, será chamada de regenerativa.

A sustentabilidade regenerativa, segundo Du Plessis e Brandon (2015), é um paradigma que emerge nesta visão de mundo ecológica e que busca um alinhamento do desenvolvimento humano com os esforços criativos da natureza, para criar um futuro em que todos vivam numa simbiose de apoio mútuo para o benefício/evolução potencial de todo o sistema socioecológico. A sustentabilidade regenerativa baseia-se em um exercício reflexivo diante das circunstâncias mutáveis da vida para um aprender como responder e evoluir como parte da natureza.

Faz-se relevante um aprender com esse paradigma emergente, que já tem algumas propostas teórico-metodológicas, como o Design e Desenvolvimento Regenerativo. Tais propostas oferecem uma inspiração que pode tensionar ainda mais as abordagens do design em direção ao pensamento ecológico e à teoria dos sistemas vivos.

Tendo em vista as crises sistêmicas nas quais estamos implicados, é insuficiente atuarmos com o pensamento mecanicista/reducionista e da sustentabilidade tecnológica (que apenas age sob um entendimento de reduzir danos), precisamos ativamente trabalhar para a regeneração dos ecossistemas. Entendemos com isso não só a diminuição de nossa pegada ecológica, mas uma reinvenção em modos de ser e agir informados por um pensamento ecológico, mais comprometido com a vida e com a coevolução. Para isso, faz-se necessária a exploração para novas práticas e processualidades, como convoca Guattari.

O presente artigo tem por objetivo apresentar princípios e movimentos para processos projetuais regenerativos, a partir de uma articulação entre os conceitos da regeneração e dos registros ecológicos de Guattari. Nas seções a seguir, aprofundaremos os conceitos de regeneração e design regenerativo e apresentaremos princípios e movimentos projetuais que têm a regeneração como premissa.

2. O CONCEITO DE REGENERAÇÃO

Neste *ethos* da regeneração, o presente artigo busca explorar sentidos, conceitos, métodos e práticas. Podemos compreender a regeneração também como um conceito muito profícuo, oriundo do próprio entendimento dos sistemas vivos. A regeneração pode ser entendida como um impulso presente no que é vivo. Para Garcia e Franzato

(2021), regeneração é uma catalisação de um movimento coevolucionário entre um sistema e seu meio. A regeneração se faz através do entendimento da integralidade dos sistemas vivos, e pode ser operacionalizada para propósitos projetuais.

Regeneração é a combinação hologramática de três sentidos de dinâmicas tensionadas a: restabelecer o equilíbrio dinâmico e saudável de um sistema; assegurar ou elevar a recursividade do sistema, autônomo enquanto criador de si; e habilitar a coevolução sintrópica que serve, ao mesmo tempo, a essência do sistema e ao seu potencial (potencial de surgimento de novas significações e expressões da essência e agregação de valor aos sub e supra sistemas) (GARCIA; FRANZATO, 2021).

Nos três sentidos da Regeneração identificamos potências possíveis de serem mimetizadas a partir de esforços projetuais. No sentido de Restabelecimento, temos a recuperação de algo degenerado às suas condições ou estados saudáveis. Nessa compreensão, encontramos o objetivo claro de recuperar um organismo debilitado. Grande parte das iniciativas socioambientais estão localizadas nesse âmbito, uma vez que se concentram em restabelecer condições mínimas – quer sejam sociais, quer sejam ambientais. E fazem isso por meio de iniciativas assistencialistas ou conservacionistas como, por exemplo, fornecer água potável para uma comunidade, ou reflorestar uma área desmatada.

Na Recursividade, temos algo que volta e acontece continuamente. Nessa compreensão, encontramos uma relação direta com o conceito de autopoiese (MATURANA; VARELA, 1995) e a circularidade: o sistema que utiliza suas próprias funções para se reconstruir e se sustentar. Capra (2021) aponta que Niklas Luhman extrapolou o conceito de autopoiese para o domínio social, descrevendo como vivas as redes de comunicações presentes em nossa sociedade, as quais são autoprodutivas e abertas e produzem culturas que irão, por meio de ciclos de feedback, estimular ou limitar as próprias ações dos constituintes dessas redes. Ou seja, em uma comparação, enquanto sistemas biológicos trocam moléculas em suas redes de reações químicas, sistemas sociais trocam informação e ideias em redes de comunicação. Tais redes biológicas operam no domínio da matéria, enquanto redes sociais operam no domínio do significado (CAPRA, 2021). Encontramos nesse sentido da Recursividade uma dinâmica em rede que, por sua configuração, busca a autonomia através da auto-organização e autoprodução e, no entanto, funciona em

interdependência com o seu meio (CAPRA, 2021).

O terceiro possível sentido para a regeneração é o Renascimento. Esse sentido da regeneração se manifesta quando os sistemas ou as organizações, coexistindo produtivamente, coevoluem em ordens de maior complexidade. Sobre o processo da sintropia, ou ainda neguentropia, Morin (2016) diz que toda organização neguentrópica é necessariamente uma organização produtora-de-si, recursiva. E sistemas vivos não apenas se renovam, eles são capazes de se auto transcender (CAPRA, 2021), conquistando de forma criativa novas estruturas e padrões de comportamento. Ou seja, a sintropia (ou neguentropia) é um resultado de progresso da organização ativa, que se regenera e se reorganiza em crescentes ordens de complexidade. Tal processo também pode ser reconhecido como Emergência, que é uma grande fonte de criatividade para o desenvolvimento e a evolução dos sistemas vivos. Podemos entender nesse sentido uma coevolução que complexifica e ressignifica a organização/articulação da rede de relacionamentos dos sistemas de modo a aumentar ou transformar o valor gerado e garantir estabilidade e sustentabilidade desses sistemas (CAPRA, 2021).

A Regeneração pode ser entendida como um processo do sistema, que permite a ordenação da complexidade, da diversidade (possíveis antagonismos), visando à sua continuidade e atualização. Podemos compreender esse processo como orientado a pequenas revoluções que acontecem entre a desordem e a ordem, que buscam reorganizar o sistema para que este permaneça o mesmo, ainda que em constante transformação.

Ainda é relevante dizer que, em nossa análise, é possível estimular a emergência de processos projetuais regenerativos, e estes podem ser considerados regenerativos de fato quando atuam de forma concomitante nos três registros ecológicos propostos por Guattari. Ou seja, enquanto o conceito de regeneração (com seus três sentidos) informa sobre processos, as três ecologias nos informam sobre escopos a serem considerados.

3. DESIGN REGENERATIVO

Em paralelo às abordagens do design para a sustentabilidade, há uma outra linha que busca avançar nas discussões sobre a contribuição do design para a manutenção da vida na Terra: o Design Regenerativo. Suas principais referências são Bill Reed, Pamela Mang e Ben Haggard, do grupo Regensis, e Daniel Wahl.

O grupo Regensis, formado por membros de diferentes formações, como arquitetura, agricultura ou

psicologia, propôs a expressão "desenvolvimento regenerativo" em 1995 (MANG; HAGGARD, 2016, Pág. XIII). A principal questão da sustentabilidade, para eles, era mais da ordem da cultura e da psicologia do que da tecnologia. Além disso, compreendem que é preciso endereçar uma necessária transformação no papel que os humanos têm como membros de um planeta ecologicamente conectado.

O objetivo do grupo foi criar uma meta-disciplina para a integração de um largo escopo de dinâmicas sociais e ecológicas, frente aos desafios de desenvolvimento do território e da comunidade. Para tanto, foram integradas três abordagens distintas, mas complementares: pensamento sistêmico (mais especificamente, teorias dos sistemas vivos), permacultura e processos de desenvolvimento de mudança. A metodologia apresentada por Mang e Reed (2012) é baseada em algumas premissas que orientam suas práticas – como a regeneração, o desenvolvimento de novas consciências e capacidades, a colaboração com a comunidade e a orientação para o potencial de uma situação ecossistêmica – e não a partir dos problemas individuáveis nela.

Já Daniel Wahl, em sua tese de 2006, propôs uma abordagem de design holística, integral e salutogênica, ou seja, geradora de saúde para humanos e planeta. O design salutogênico busca facilitar a emergência da saúde em e através de todas as escalas do todo. Em seu livro de 2016, *Design de Culturas Regenerativas*, Wahl (2020) argumenta que precisamos começar do "porquê", para então ir ao "o quê" e "como" e lança, ao longo dos capítulos, perguntas que inspiram uma necessária reflexão acerca de nossos modos de fazer e nossos objetivos e propósitos.

No Design Regenerativo (MANG; HAGGARD, 2016; MANG; REED, 2012, 2012b; WAHL, 2020; COLE, 2012; REED, 2007), podemos observar uma tendência a uma metodologia baseada em princípios, mas não identificamos um padrão único em seus processos. Nas abordagens destacadas, há uma positiva busca do exercício da ética e da reflexão filosófica sobre o papel dos designers na era em que estamos vivendo. Percebemos que falam de um lugar outro respeito à tradição do design industrial, ou seja, buscam atuar a partir de um diferente paradigma, do pensamento ecológico, buscando uma harmonização dos seres humanos com seus ambientes.

Em suas proposições, os autores declaram diversos princípios que podem (re)orientar o design, também lançam questões e descrevem premissas que embasam o trabalho. Porém, não há uma descrição aprofundada de procedimentos metodológicos. As abordagens apresentam

processos e ferramentas pouco estruturadas, deixando uma lacuna para aqueles que desejam se apropriar dos conceitos teóricos e aplicar a abordagem.

Ao analisarmos as contribuições dessa emergente abordagem ao design, encontramos como diferencial a adoção explícita de uma perspectiva ecológica, bem como um centramento no lugar e não no projeto. Há, em suas proposições, um predomínio de princípios e saberes mais do que procedimentos rígidos e, sobretudo, uma orientação para o desenvolvimento e a transformação também dos sujeitos designers/praticantes (MANG; HAGGARD, 2016; MANG; REED, 2012, 2012b; WAHL, 2020; COLE, 2012; REED, 2007).

A partir dessa conceituação, passamos a apresentar uma proposição para um desenvolvimento projetual orientado à regeneração e às três ecologias, tensionando ainda mais os processos projetuais em direção ao pensamento complexo.

4. PROCESSOS PROJETUAIS REGENERATIVOS

Essa proposição compreende o projetar com perspectiva ecossistêmica com vistas à catalisação de um movimento coevolucionário de um sistema/organização com o seu meio. É importante citar que não precisamos de uma condição "degenerada", o processo focará sempre no potencial de evolução do sistema/organização em questão e do seu lugar.

As práticas propostas são baseadas nos princípios da prática regenerativa, sintetizados a partir dos sentidos da regeneração e dos três registros ecológicos de Guattari. Conforme nos convoca esse filósofo, buscamos um trabalho também no nível das subjetividades, dos afetos e da corporeidade, propondo um estímulo às produções criativas que também sejam permeadas por uma perspectiva artística e política.

Ou seja, tais processos visam a uma atuação ecossistêmica (concomitância nos três registros ecológicos para regeneração das relações ecossistêmicas – com seus elementos bióticos e abióticos), colocam ênfase no trabalho da subjetivação e autotransformação e empregam e visam à comunalidade (trabalho para o bem comum) e uma ecopedagogia.

Os movimentos projetuais se dão a partir do entendimento, mapeamento, prospecção e desenvolvimento das relações ecossistêmicas presentes num dado lugar. É importante destacar uma postura que enfatiza uma reorientação ao entendimento da relação de um sistema/

organização com o seu lugar/território, identificando suas necessidades e potenciais, para então criar efeitos de sentido por meio da compreensão da atuação apropriada nas diferentes escalas (supra e subsistemas) e registros ecológicos (subjatividade, relações sociais e meio ambiente). Dessa forma, temos uma abordagem menos autocentrada, e mais centrada nas dinâmicas e integralidade ecossistêmica para a prospecção de cenários e desenvolvimento de intervenções e capacidades que poderão catalisar a mudança no sentido almejado.

É importante destacar que regeneração é algo que se faz, se produz, não é um estágio ao qual podemos chegar. Nessa direção, para entender se o design regenerativo está sendo efetivo, é importante avaliar os efeitos nas relações ecossistêmicas entre o meio ambiente, relações sociais e subjatividades. Atributos qualitativos podem ser mapeados e retroalimentados em uma contínua transformação em direção a ordens mais complexas, diversas e justas.

A seguir, apresentamos uma proposta de princípios e de movimentos para processos projetuais regenerativos com pistas de sua operacionalização.

4.1 Princípios da Prática Regenerativa

Os princípios da prática regenerativa são interdependentes e se reforçam mutuamente, eles incentivam uma apropriada consideração do contexto em sua integralidade (partindo de um enquadramento baseado nos sentidos da regeneração e nos três registros ecológicos). São, além disso, pistas que podem embasar a metaprojeção e a projeção, ou seja, podem ser direcionadores de atitudes, de processos e dos cenários prospectados.

A metaprojeção é compreendida como "uma reflexão acerca do projeto em desenvolvimento, paralela e para além dele, que fundamenta e justifica o projeto em si, em relação ao contexto que o originou e em relação ao cenário para o qual é destinado." (FRANZATO; CELASCHI, 2012, p. 2). Em processos projetuais regenerativos, estamos sempre metaprojetando, pois estamos refletindo sobre nosso modo de pensamento, sobre nossos valores e quem queremos ser, enquanto as ações projetuais se desenrolam. Para isso, é importante conhecer os seis princípios da prática regenerativa, os quais apresentamos a seguir (Quadro 1).

| Princípios da Prática Regenerativa | Referências |
|--|---|
| Cuidar para permitir a emergência da saúde integral | WAHL (2006), GUATTARI (2009). |
| Promover a autonomia em relações recíprocas e fluxos circulares | MORIN (2011, 2015, 2016), CAPRA (2014, 2021), MATORANA, VARELA (1995), FRANZATO (2020, 2017). |
| Buscar a coevolução resignificando e desenvolvendo relações de valor com o ecossistema | MORIN (2011, 2015, 2016, 2017), CAPRA (2014, 2016, 2021), MANG; REED (2012), MAURI (1996), ZURLO (2010), FRANZATO et al. (2015), BENTZ; PARODE; FREIRE; DEL GAUDIO; BORBA (2015). |
| Autotransformar-se a partir de uma visão ecossistêmica | GUATTARI (2009), FOUCAULT (2019), MORIN (2017), MANG; HAGGARD (2016). |
| Desenvolver comunalidade a partir da eco dialogicidade | ESCOBAR (2016), MERONI (2008), CAPRA (2006, 2014, 2016, 2021). |
| Desenvolver o conhecimento ecológico de interexistência | CAPRA (2006, 2014, 2016, 2021), WAHL (2020), MANG; HAGGARD (2016). |

Quadro 01: Princípios da Prática Regenerativa.
Fonte: Autores.

Cuidar para permitir a emergência da saúde integral

Em relação ao sentido do Restabelecimento, em que se almeja restabelecer o equilíbrio dinâmico e saudável de um sistema, entendemos como importante a promoção de processos pautados na Salutogênese (WAHL, 2006), a qual representa uma mudança de paradigma que tira o foco do problema e da doença para buscar o entendimento das condições e dos fatores que promovem a saúde e o bem-estar. Além de empregar processos reorganizativos para recobrar tais benefícios, é importante cuidar, ou seja, adotar uma atitude de zelo e compaixão, visando à conservação do seu bem-estar.

Na relação com o design, esse princípio busca evidenciar a importância do pensamento orientado a oportunidades e potenciais (WAHL, 2006). Nesse cenário, compreendemos que o olhar para os três registros ecológicos é fundamental para se considerar a saúde sistêmica (GUATTARI, 2009).

Algumas questões para mapear e prospectar acerca desse princípio:

- O que entendemos por saúde integral nesses contextos?
- Como gerar vitalidade nesse contexto?
- Como podemos cuidar e permitir a emergência da saúde integral?

Promover a autonomia em relações recíprocas e fluxos circulares

Em relação ao sentido da Recursividade, em que se almeja assegurar ou elevar a capacidade do sistema de criar e atualizar, a autonomia se revela como elemento chave. A autonomia tem uma relação direta com processos autopiéticos, ou ainda com a circularidade, processo inerente à vida, em que há uma continuidade cíclica e no qual recursos e energia são reutilizados e reciclados de forma contínua e ininterrupta pelos membros de um determinado ecossistema. Ou seja, autonomia não se faz sem reciprocidade, sem cooperação nas relações e interações, sem estar em um contexto no qual haja um mutualismo comprometido em uma diversidade de parcerias.

Para se trabalhar esse princípio, estimulamos a utilização de abordagens do pensamento sistêmico (CAPRA, 2014, 2021) para mapeamento e de redes de projeto para a promoção do conceito de Sustentabilidade Projetual (FRANZATO, 2020, 2017, FRANZATO; RODRIGUES, 2018).

Algumas questões para mapear e prospectar acerca desse princípio:

- Como podemos promover uma autonomia responsável e solidária?
- Como podemos substituir os fluxos lineares por fluxos circulares?
- Como desenvolver reciprocidade e cooperação em uma rede diversa de parcerias?

Buscar a coevolução resignificando e desenvolvendo relações de valor com o ecossistema

No sentido do Renascimento, em que se almeja habilitar a coevolução sintrópica que serve, ao mesmo tempo, a essência do sistema e ao seu potencial (potencial de surgimento de novas significações e expressões da essência e agregação de valor aos supra e subsistemas), busca-se a coevolução, ou seja, a evolução simultânea entre dois sistemas/entidades que têm um relacionamento ecológico próximo, podendo gerar uma reciprocidade ou mutualismo entre si. Acreditamos que para alcançar a coevolução

podemos utilizar a ressignificação, atribuindo novos significados e sentidos e criando modelos e metáforas que produzam logicidade para indivíduos e coletividades. Isso em uma relação de sintropia, que é a capacidade de contribuição para o equilíbrio e o desenvolvimento organizacional através de ordenação e integração, do simples ao complexo. Ou seja, através de um desenvolvimento organizacional harmônico, podemos ressignificar relações, gerando valor e coevolução entre entidades.

Esse princípio tem relação com a construção de sentido e a produção de novos significados, metabolizando novos saberes a partir das intersubjetividades (ZURLO, 2010). Além disso, a metaprojeção alavancada por tal olhar se ocupa da articulação harmônica entre os diferentes ecossistemas (FRANZATO et al., 2015). É também um dos pontos-chave do processo de prospecção e desenvolvimento de capacidades organizacionais regenerativas e coevolutivas.

Algumas questões para mapear e prospectar acerca desse princípio:

- Quais relacionamentos podem ser desenvolvidos para obtermos coevolução?
- Como podemos valorizar o que é diferente para enriquecer nosso contexto?
- Como podemos gerar ganhos mútuos e ressignificar nossos relacionamentos?

Autotransformar-se a partir de uma visão ecossistêmica

No registro ecológico da Subjatividade, há uma busca por processos de autotransformação nos quais o sujeito possa trabalhar seu próprio desenvolvimento (suas atitudes, pensamentos, características, comportamentos, valores, etc) em um processo de subjetivação (FOUCAULT, 2019, 2019b) e ressingularização (GUATTARI, 2009), ou seja, voltado à capacidade do ser humano de tornar-se cada vez mais ele próprio, cada vez mais humano em direção ao seu máximo potencial, como ser crítico, histórico e solidário, desvincilhando-se de forças opressoras e de assujeitamento (que buscam a objetivação do indivíduo). Para isso, é necessária a autoética, uma autoanálise e autocrítica em um processo de religação consigo mesmo, considerando também as outras dimensões dessa ética multidimensional: a socioética, a antropológica e a ética planetária (MORIN, 2017). É o trabalho ético a princípio para si, de si, que desemboca na ética para o outro.

Tanto no nível da organização quanto no nível dos sujeitos designers, esse é um importante princípio que precisa ser trabalhado, e, para isso, faz-se importante uma

reflexão subjetiva e metaprojetual antes, durante e depois de quaisquer atividades projetuais. Ação que é potencializada pelo pensamento ecossistêmico e pela produção de subjetividades – no registro dos três registros ecológicos de Guattari.

Algumas questões para mapear e prospectar acerca desse princípio:

- Quais são os valores e as crenças nesse contexto?
- Qual é o nosso máximo potencial e como nos aproximar dele?
- Como promover uma transformação individual que agregue a todo ecossistema?

Desenvolver comunalidade a partir da ecologicidade

No registro ecológico das Relações Sociais, em que se almeja o desenvolvimento da relação de ser com os outros, compreendida pela intersubjetividade do viver, que é inerentemente sociocultural, busca-se desenvolver a comunalidade.

Comunalidade é a qualidade do que é feito pela e para a comunidade. Capacidade de uma determinada comunidade em se organizar, estabelecer relações e trabalhar coletivamente, para o bem da própria comunidade (ESCOBAR, 2016; MERONI, 2008). Para tal objetivo, utilizamos a dialogicidade, ou seja, a capacidade de dialogar, conversar com respeito e humildade para, conjuntamente, construir uma reflexão crítica orientada a novas significações e/ou ações. Aqui, buscamos construir diálogos que promovam também a ecopedagogia, ou seja, a competência e o desenvolvimento dos processos de aprendizagem orientada ao pensamento ecológico (CAPRA, 2006). Uma prática da aprendizagem dos seres para desenvolvimento dos seus relacionamentos e pelos seus relacionamentos.

Algumas questões para mapear e prospectar acerca desse princípio:

- Como promover o bem da comunidade gerando também o bem para o sistema no qual ela está inserida?
- Como promover conversas e tomadas de decisão mais participativas?
- Como fazer conhecer e aprender sobre nossas relações ecossistêmicas?

Desenvolver o conhecimento ecológico de interexistência

No registro ecológico do Meio Ambiente, em que temos a necessidade de regenerar a nossa relação com o nosso meio, busca-se o desenvolvimento de um conhecimento ecológico. Um entendimento e consciência (*awareness*) dos relacionamentos que encadeiam todos os membros de uma comunidade ecológica ou um ecossistema, bem como o conhecimento dos princípios ecológicos (CAPRA, 2006) e do pensamento sistêmico. É fundamental reconhecer o *interseer*, a relação de interdependência e interexistência entre os mais diversos elementos da teia da vida, ou seja, uma mudança na forma como enxergamos a nossa existência ou existência de algo: estas não são, elas *intersão*. O entendimento das relações ecossistêmicas (bióticas e abióticas) presentes no lugar e seu padrão histórico (MANG; HAGGARD, 2016) deverão informar a tomada de decisões projetuais.

Algumas questões para mapear e prospectar acerca desse princípio:

- Quais são os supra e os subsistemas da organização e do lugar?
- Quais são os estilos e os padrões de ser e viver na organização e no lugar?
- Como podemos desenvolver uma consciência mais ecológica, ajudando que nos reconheçamos na interexistência?

4.2 Movimentos projetuais propostos

Com o termo movimentos buscamos definir uma sequência de ações e atividades que se desdobram por um determinado propósito. Esses movimentos, conjugados entre si, estimulam a emergência de processos projetuais regenerativos. Também é importante observar os princípios da prática regenerativa e uma ética cartográfica para a realização de tais práticas.

Apresentamos a seguir uma síntese dos movimentos (Figura 1) que facilitam a compreensão da prática projetual proposta: mapeamento da singularidade da organização e do seu lugar; mapeamento e prospecção de sua vocação – que seria o papel agregador de valor ao supra e aos subsistemas –; e catalisação na identificação de capacidades e intervenções que devem ser reforçadas ou desenvolvidas para que a organização possa viver sua singularidade e vocação.

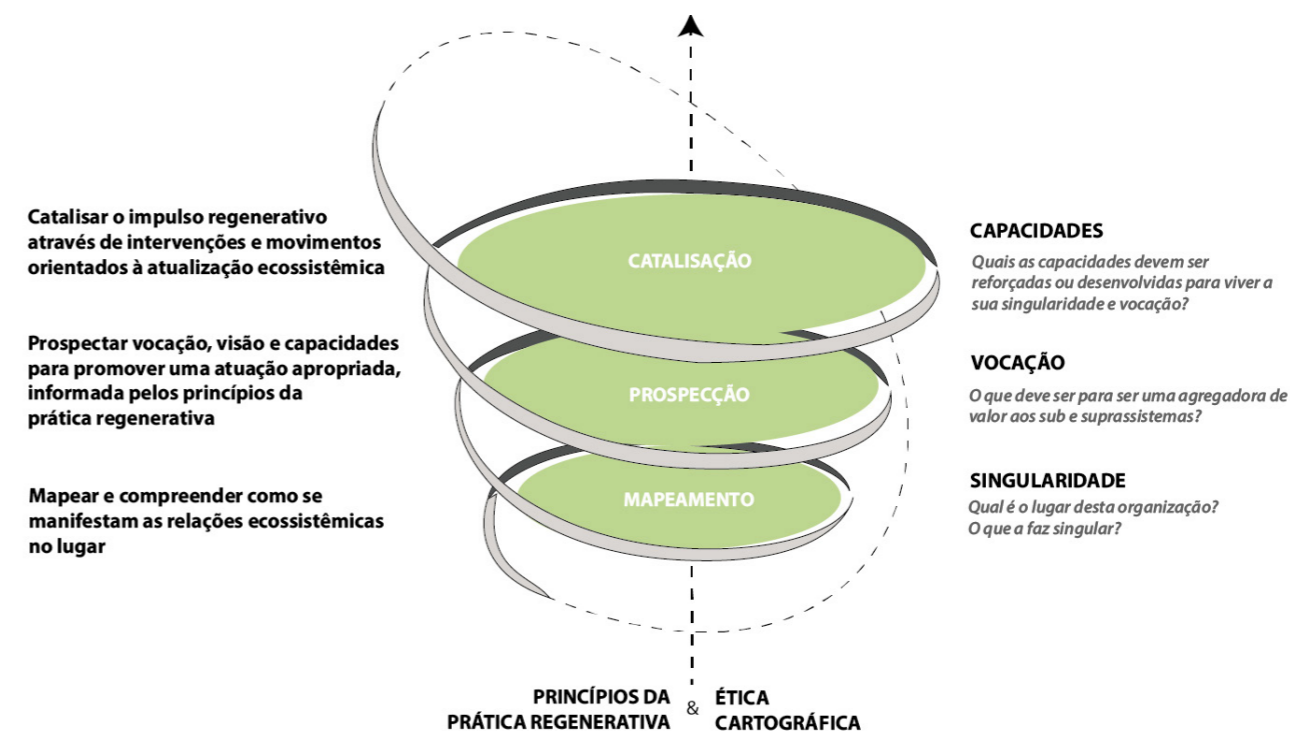


Figura 01: Movimentos para processos projetuais regenerativos.
Fonte: Autores.

Tais movimentos respondem a perguntas-chave que promovem reflexões que contribuem para a compreensão da singularidade local e do seu potencial.

Ao iniciarmos um projeto, devemos ter em mente que o nosso objetivo é adotar uma diferente postura projetual, uma postura mais sensível, intuitiva e que trabalhe de um modo mais holístico, ou seja, um modo que busque compreender o todo mais do que os seus elementos isolados. É necessário considerar que também somos mais que observadores, somos participantes em um plano imanente, no qual podemos mapear e intervir, pondo o corpo em ação – com seus afetos e perceptos, para além do intelecto. Para avaliar as relações ecossistêmicas, precisamos de uma ética cartográfica que permita mapear os seus processos, capturando qualidades e sentidos emergentes.

Segundo Costa (2020), a Cartografia é mais do que um possível método de pesquisa, podendo ser entendida como uma inspiração ético-política, a qual é proposta por Deleuze e Guattari (1995) e busca complementar e fortalecer a pesquisa qualitativa. Guattari e Deleuze nos convocam a olhar mais para processos e relações do que para estruturas. Na cartografia, podemos acompanhar processos a partir da análise de suas linhas imanentes (COSTA; AMORIM, 2019). As linhas são articulações, elas estão misturadas umas nas outras. O grande desafio está em desenredar essas linhas, ação à qual Deleuze (1996) chama

de cartografar. Instalamo-nos nessas linhas, percorrendo territórios desconhecidos, traçando mapas.

Esse mapeamento se dá pela percepção e pelo registro em diferentes linguagens, como textos e/ou visualidades que sintetizem dinâmicas qualitativas e processuais do sistema/organização. Para começar a entender a sua singularidade, nada melhor do que voltar-nos ao lugar de ocupação, para entendermos quais são as relações bióticas e abióticas que compõem o contexto (MANG; HAGGARD, 2016). Isso ajudará a entender uma organização como um sistema que habita outros sistemas maiores e tem dentro de si sistemas menores (BENNE, 2005). Entender a singularidade da organização e de seu lugar passa por acessar diferentes camadas que os compõem – em seus níveis de subjetividade, de relações sociais e ambientais – para saber responder acerca do que os torna únicos, em sua história e em seus padrões percebidos.

Para os movimentos, é sugerida a utilização de técnicas como sondagens, entrevistas em profundidade e workshops com rodas de conversas que estimulem uma participação ativa e horizontal com a comunidade local e uma equipe multidisciplinar e diversa.

Ainda no movimento de mapeamento, passamos de entender a singularidade da organização para entender o seu potencial, ou seja, o seu papel potencial na agregação de valor para supra e subsistemas. Ao entender as relações ecossistêmicas, começamos a nos perguntar quais

delas precisam ser desenvolvidas e aprimoradas. Mapear a vocação passa por entender e discernir de que forma a organização e os sujeitos podem contribuir para um todo maior, especialmente considerando uma autotransformação necessária para tal.

No movimento de prospecção, as questões ligadas aos princípios da prática regenerativa se tornam ainda mais relevantes. Esse é o momento de, uma vez mapeado e compreendido o sistema em sua integralidade, imaginar e projetar cenários, papéis e capacidades para a regeneração ecossistêmica. Trata-se de definir quais qualidades precisam ser desenvolvidas, quais resultados são almejados, quais são os sonhos da comunidade. Prospeção a vocação e as capacidades para a organização significa fazer dialogar a sua singularidade com o seu potencial – sempre em relação com as subjetividades, as relações sociais e o meio ambiente.

Para o movimento de prospecção, narrativas podem ser empregadas, para sintetizar o que é mais relevante em tudo o que foi idealizado, compartilhado e discutido (MANZINI; JÉGOU, 2003; HINDRICHSON; FRANZATO, 2012). Mobilizar as pessoas em contar uma história sobre passado, presente e futuro pode ajudar a criar um senso de propósito comum. A partir de então, o movimento é o da Catalisação, ou seja, quando se elaboram as intervenções que, feitas hoje, poderão catalisar mudanças e processos em direção aos cenários prospectados. A busca desses movimentos é para restabelecer as condições para a emergência da saúde do sistema, e mais: fazê-lo renascer (em uma nova ordem de complexidade e significado), a partir de uma produção autônoma, autogestionada (ESCOBAR, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este artigo, foram consideradas as principais referências do emergente campo de Design Regenerativo, além de obras de Morin, Capra, Guattari, Deleuze, entre outros. Através de uma articulação teórica entre diversos autores, sintetizamos princípios e movimentos projetuais para apoiar designers e sujeitos que pretendem atuar em orientação ao paradigma da sustentabilidade regenerativa, utilizando uma perspectiva ecossistêmica que considera as relações de subjetividades, de relações sociais e do meio ambiente.

É necessária, ao praticante regenerativo, uma postura sensível e holística, que considere o todo mais do que os seus elementos dissociados. Nesse sentido, desenvolvemos descrições conceituais, pistas e questões que

ajudarão o mapeamento e a prospecção acerca de um sistema ou uma organização.

Para os movimentos e os processos projetuais, é necessário adotar a abertura, a dialogicidade e a autonomia em uma equipe multidisciplinar e diversa, para perceber e catalisar uma atuação apropriada de sujeitos e organização em relação ao seu lugar – e esse em relação ao ecossistema no qual está inserido.

Como contribuição ao design, a Regeneração e As Três Ecologias estimulam um projetar a partir do lugar/território, bem como um cuidado para que os escopos a serem considerados sejam os do ecossistema – em um sentido que englobe os registros do meio ambiente, das relações sociais e das subjetividades.

Com a introdução dos três sentidos da regeneração como elementos de um esforço projetual, temos não apenas a consideração de recuperação de um ecossistema a níveis saudáveis, mas também a consideração de sua recursividade e renascimento/renovação em ordens mais complexas e de valor para o bem comum. Também se ganha com uma inclusão de um olhar para a autotransformação do sujeito designer – a partir das atitudes e dos modos projetuais propostos.

Finalmente, ressalta-se que esta proposição para processos projetuais regenerativos, por meio da definição de princípios e movimentos, está aberta a interpretações, apropriações e desenvolvimentos. Não deve ser considerada como finalizada, mas em devir. Sobretudo, não deve ser considerada como uma prescrição. Nessa direção, acreditamos que a proposição oferece uma base metodológica para a prática de modos alternativos de projetar, que têm como premissa a busca de realidades mais saudáveis, justas, singulares e solidárias.

Agradecimentos

Carlo Franzato conta com o apoio da bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq e da bolsa de Produtividade da PUC-Rio.

REFERÊNCIAS

BENNE, B. C. **Managing AEC project organizations at the edge of chaos: An analysis of AEC projects' adaptive capacity from a living systems perspective.** University of California, Berkeley: BerkeleyProQuest Dissertations Publishing, 2005.

CAPRA, F. **Patterns of Connection.** Albuquerque: High

Road Book, University of New Mexico, United States, 2021.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. 2014. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas.** São Paulo: Cultrix, 615 p.

CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica.** A educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

COLE, R. Regenerative design and development: Current theory and practice. **Building Research & Design**, v. 40, n. 1, p. 1-6, 2012.

COSTA, L. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. In: **Paralelo 31**, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, edição 15, 2020

COSTA, L; AMORIM, A. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. In: **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 912-933, dez. 2019. ISSN 1809-0354. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933>>. Acesso em: 24 jan. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933>.

CULLARS, J; MANZINI, E. Prometheus of the Everyday: The Ecology of the Artificial and the Designer's Responsibility. **Design Issues**, pp. 5-20, 1992.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo.** In: **O mistério de Ariana.** Lisboa: Ed. Vega - Passagens, 1996. < <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>>

DU PLESSIS, C; BRANDON, P. An ecological worldview as basis for a regenerative sustainability paradigm for the built environment. **Journal of Cleaner Production.** v. 109, n. 16, p. 53-61, 2015.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño.** La realización de lo comunal. Popayán, Colombia: Universidad del Cauca, 2016.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982).** São Paulo: Martins

Fontes, 2019b

FOUCAULT, M. **Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France (1980-1981).** São Paulo: Martins Fontes, 2019

FRANZATO, C. CELASCHI, F. Processo de metaprojeto para o desenvolvimento estratégico e a inovação das organizações. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN**, 10, 2012, São Luís MA.

FRANZATO, C. Diseño estratégico para la innovación social y la sostenibilidad. **Estudios em Design.** Rio de Janeiro: v. 28 | n. 1 [2020], p. 27 – 37

FRANZATO, C. Redes de projeto: formas de organização do design contemporâneo em direção à sustentabilidade. In: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil.** São Paulo: Blucher, p. 99 -110, 2017.

FRANZATO, C; DEL GAUDIO, C.; BENTZ, I.; PARODE, F.; BORBA, G. S.; FREIRE, K.M. Inovação cultural e social: design estratégico e ecossistemas criativos. In: FREIRE, K. M. (org.) **Design Estratégico para Inovação Cultural e Social.** São Paulo: Editora Kazuza, 2015.

GARCIA, N.; FRANZATO, C. Regeneração: um caminho de evolução do design frente ao problema da sustentabilidade. In: VIII Simpósio de Design Sustentável + Sustainable Design Symposium, 2021, Curitiba. **Anais eletrônicos Biblioteca Digital de Eventos Científicos da UFPR.** Disponível em: <https://eventos.ufpr.br/sds/sds/paper/view/4515>. Acesso em: 15 set. 2021.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Campinas: Papyrus, 2009, 56p.

HINDRICHSON, P. H.; FRANZATO, C. Design de cenários: uma tecnologia para promover o compartilhamento de conhecimentos em redes de projeto. **Revista D: Design, Educação, Sociedade e sustentabilidade**, v. 4, n. 4, 2012, pp. 155-168. Disponível em: <https://rb.gy/cfwlf5>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MANG, P.; HAGGARD, B. **Regenerative Development and Design: A Framework for Evolving Sustainability.** Hoboken, New Jersey: Wiley, 2016.

MANG, P.; REED, B. Designing from place: a regenerative

framework and methodology, **Building Research & Information**, v. 40, n. 1, p. 23-38. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09613218.2012.621341>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MANG, P.; REED, B. Regenerative Development and Design. **Encyclopedia Sustainability Science & Technology**, p. 1-44, 2012b.

MANZINI, E.; JÉGOU, F. (orgs.) **Sustainable everyday. Scenarios of urban life**. Milano: Ambiente, Disponível em: <https://bit.ly/3JkrWa>. Acesso em: 15 set. 2022.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MAURI, F. Do produto ao sistema produto. In: MAURI, F. **Progettare progettando strategia**. Milano: Masson S.p.A. 1996. pp 3-50.

MERONI, A. Strategic design: where are we now: reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, v. 1, n. 1, p.31-38, 2008. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/5567>. Acesso em: 15 set. 2022.

MORIN, E. 2017. **O método - VI: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

REED, B. Shifting from “sustainability” to regeneration. **Building Research & Information**, v. 35, n. 6, p. 674-680, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09613210701475753>. Acesso em: 15 set. 2022.

RODRIGUES, K. C.; FRANZATO, C. Empreendedorismo por Engajamento e Sustentabilidade Projetual: Leitura dos Processos dos Designers Empreendedores, pelo Design Estratégico. In: **Mix Sustentável**, 4(1), 141-141, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.29183/2447-3073.MIX2018.v4.n1.141-141>. Acesso em: 08 mar. 2023.

AUTORES

ORCID: 0000-0001-9542-2043

NATALÍ ABREU GARCIA, Doutoranda | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Doutorado em Design - Departamento de Artes & Design da PUC-Rio | Rio de Janeiro - RJ, Brasil | Correspondência para: Rua Marquês

de São Vicente, 225 | CEP 22451-900 | email: nataligarcia@gmail.com

ORCID: 0000-0001-8293-7451

KARINE DE MELLO FREIRE, Dr^a. | Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS | PPG Design Unisinos | Porto Alegre - RS, Brasil | Correspondência para: Rua Luiz Manoel Gonzaga, 744 sala 321 | email: kmfreire@unisinos.br

ORCID: 0000-0003-4311-9143

CARLO FRANZATO, Dr. | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Departamento de Artes & Design da PUC-Rio | Rio de Janeiro - RJ, Brasil | Correspondência para: Rua Marquês de São Vicente, 225 | CEP 22451-900 | email: carlofranzato@puc-rio.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

GARCIA, Natalí Abreu; FREIRE, Karine de Mello; FRANZATO, Carlo. **Princípios e movimentos para processos projetuais regenerativos**. *Mix Sustentável*, v. 9, n. 2, p. 63-74, 2022. ISSN 244-73073. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/mixsustentavel>>. Acesso em: dia mês. ano. doi: <<https://doi.org/10.29183/2447-3073.MIX2023.v9.n2.63-74>>.

SUBMETIDO EM: 18/11/2022

ACEITO EM: 27/01/2023

PUBLICADO EM: 31/03/2023

EDITORES RESPONSÁVEIS: Rachel Faverzani Magnago e Lisiane Ilha Librelotto.

Registro da contribuição de autoria:

Taxonomia CRediT (<http://credit.niso.org/>)

NAG: Conceituação, análise formal, investigação, curadoria de dados, metodologia, administração de projetos, visualização, escrita - rascunho original, e escrita - revisão e edição.

KMF: Supervisão, conceituação, e escrita - revisão e edição.

CF: Supervisão, conceituação, e escrita - revisão e edição.

Declaração de conflito: Nada foi declarado.